

A MONARCHIA

Bi-Semanario

N.º 2—1916

28 de Janeiro

DIRECTOR E EDITOR:

ASTRIGILDO CHAVES

PROPRIETARIO

COMPOSTO E IMPRESSO EM

A POLYCOMMERCIAL

R. d'Alcantara, 41-A a E—LISBOA

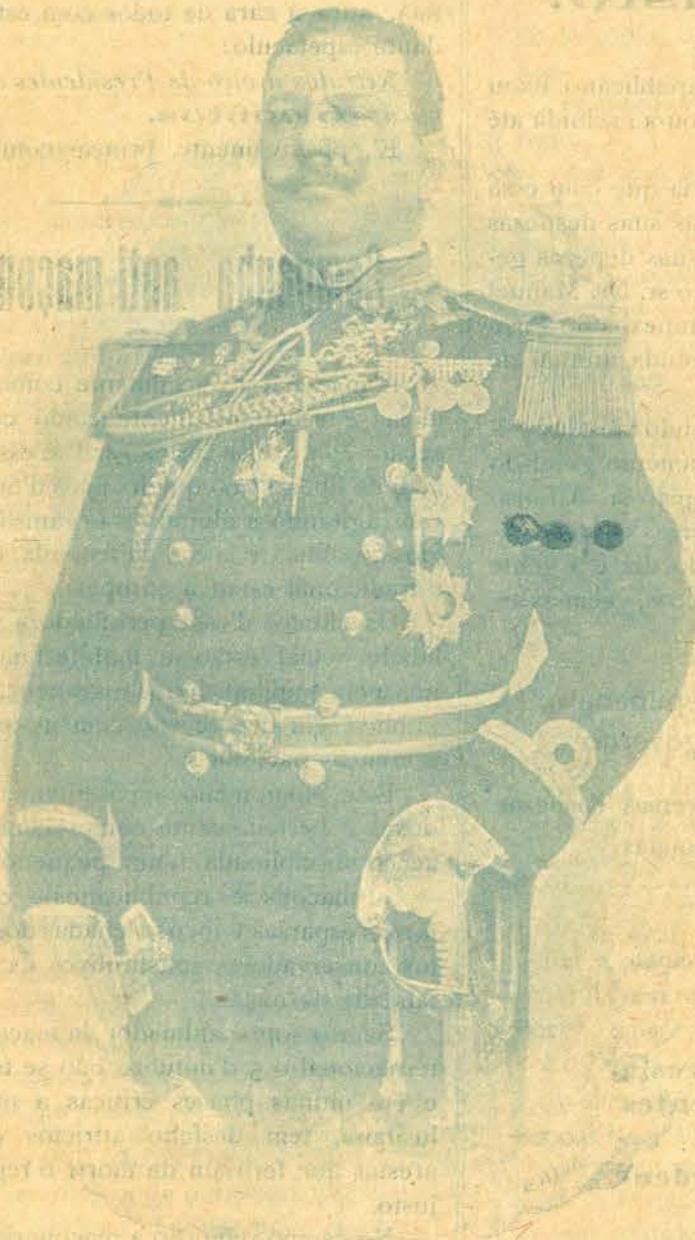
Toda a correspondência para
os escriptorios provisórios

R. d'Alcantara, 41, 1.º E.

TELEPHONE 5362

Preço de assignatura: Serie de 26 numeros 500 réis para o continente, ilhas e ultramar. Extrangeiro o mesmo preço ao cambio do dia. Acrescem as despesas de cobrança. **Avulso 20 réis.** **Anuncios:** Convencional, sendo permanente, não sendo 30 réis a linha, pagina dividida em 3 columnas.

Capitolio



João d'Azevedo Coutinho

Conselheiro d'Estado, glorioso vencedor do Barué e Logar-tenente de S. M. El-Rei. Energia inquebrantavel, bravura homérica, patriotismo acendrado, lealdade, brio e fé.

Rocha

Tarpeia



Zeixeira de Sousa

Ultimo presidente de conselho da Monarchia, actual administrador por parte do governo da republica da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes...

O livro apprehendido

Silencio!

O jornal dos herdeiros do França Borges, que já foi da Margarida, — porta-voz da intolerancia jacobina — é o unico, cremos, que vem justificar o governo sobre a já para nós *justificada* mas intoleravel apprehensão do livro do dictador Pimenta de Castro. Justificada, dissemos, porque deste governo democratico e livre-pensadeiro não havia que esperar outra coisa.

Nós, então á frente d'*A Acção Nacional*, fomos o unico jornalista monarchico que combatemos o governo Pimenta de Castro, e com tanto senso e clarividencia o fizemos que os nossos artigos, dizemol-o com orgulho, foram verdadeiras prophcias. Nunca julgámos nem habil, nem á altura da sua missão aquelle Bonaparte de pechisbeque... Mas se o fosse, mais encarniçada e tenaz seria a nossa guerra. A nossa comprovada fidelidade a S. M. El-Rei o Senhor D. Manuel, obrigava-nos e obriga-nos a que estejamos sempre de atalaia contra qualquer *usurpação*. Não entenderam assim os nossos collegas, alguns dos quaes andam agora dando o *dito por não dito*. Mas nós, adversarios do general, quando elle era senhor d'isto, hoje vendo-o exilado, prohibido de perante a nação dar conta dos seus actos, por meio de um livro recentemente publicado, com elle nos solidariesamos e protestamos contra a estúpida e inquisitorial prepotencia.

Apraz-nos gostosamente registar que quasi toda a imprensa do paiz, tem reprovado a attitudo ultra-tyranica do governo, até mesmo a insuspeita *Capital*. Isto honra essa imprensa mas é tambem a completa exautoração d'aquella que o *Immundo* capitancia, que não deve chamar-se *imprensa*, mas esgoto politico, por onde escorre lama abjecta a sepultar o crime. E por isso nós entendemos que a imprensa que tão dignamente tem reprovado o arbitrio marroquino do governo, decerto consciente da sua alta missão na sociedade, deve ir mais longe, formular mesmo um protesto collectivo, exigir do governo a revogação da ignobil porcaria da lei de imprensa — vergonha de um paiz civilisado e do seculo em que vivemos, — o que representaria como que um resgate e uma affirmação de intellectualidade e de nobreza perante a Europa, que nos olha como cafres e como... irracionaes!

Lá que o livro vai ser lido e relido, não tenha o governo nem o *Immundo* duvidas. Fructo prohibido é o mais desejado... Vai succeder o mesmo que a certo livro nos ultimos annos da monarchia, que toda a gente leu... até mesmo aquelles que tinham por dever moral nem lhe tocar sequer!

E' que o pensamento não se amordaça. Uma grande rebeldia, como uma ideia ge-

nerosa e forte, quanto maior for a treva em que as aferrolhem, mais rebrilham e expludem em clarões de luz. Olhem a imprensa monarchica sob o cutello sangrento de Robespierre! As cabeças decepadas dos jornalistas, expostas á multidão, no Carroussel, jorrando odes vingadoras das boccas aphonas, fez com que soccumbisse a imprensa? Jamais! Cada jornalista guilhotinado, era substituido por dois. O martyr dizia: segui-me! E era realmente e impavidamente seguido, na redacção, onde não paravam os libellos tremendos e na guilhotina, onde tanto sangue generoso fez reviver a Monarchia.

As ideias não morrem, já lá dizia Rivarol; não se fusilam as ideias!

O que é isto?

Quando o congresso republicano fixou a dotação presidencial deixou-a excluida até de casa de habitação.

S. Ex.^a o presidente teria que com essa dotação fazer face não só ás suas despesas de representação, mas ás suas despesas geraes, e assim é que quando o sr. Dr. Manuel de Arriaga foi habitar os annexos do Paço de Belem se lhe fixou a renda annual de 99\$999 reis, salvo erro.

Como é pois que, não tendo taes disposições sido alteradas, no orçamento geral do Estado agora apresentado pelo sr. Affonso Costa, o homem dos *superavids* e o mais intransigente guarda, segundo diz e a gente não crê, dos dinheiros publicos, veem as seguintes extraordinarias verbas:

Presidencia da Republica e presidencia do governo

Art. 13.º Material e diversas despesas:	
Augmenta-se para telegrammas e diversas.....	300\$
Inclue-se:	
Para pagamento de iluminação, cuja cobrança se não tem realisado (?).....	720\$
Para retratos artisticos a oleo dos Presidentes da Republica.....	6.000\$
Equipagens da Presidencia da Republica:	
Para forragens e curativos de solipedes e outras despesas, conservação e reparação de equipagens, etc., até agora a cargo da Direcção Geral da Fazenda Publica, onde tinha verba inscripta no cap. II.º, art. 48.º.	1.820\$
Diferença para mais.....	<u>8.820\$</u>

(Pag. 8 do orçamento de despesas do ministerio das finanças).

Como é que assim, sem nenhuma determinação parlamentar se augmenta de facto a dotação da Presidencia? Porque o dizer da Presidencia da Republica e da presiden-

cia do governo é uma fixação para desviar atenções. O sr. Presidente do governo não tem, parece, solipedes sustentados pelo Estado nem equipagens que elle tenha obrigação de reparar.

E quem é que não tem pago a iluminação da sua casa?

Que diz a tudo isto o sr. João de Menezes que tanto barafustava em tempos idos que não havia presidente da republica?

E' o figurino francez mais uma vez em moda!

A miseria, a fome, o frio, dizimando as populações do paiz; as classes chamadas remediadas luctando já contra a miseria que implacavel lhes bate á porta, e o sr. presidente do ministerio e ministro das finanças, pondo de parte a fita dos *superavids*, pondo de parte todas as suas lérias sobre economia, atira á cara de todos com este degradante espetaculo:

Retratos a oleo de Presidentes da Republica — 6 contos.

E', positivamente, brincar com o fogo

Campanha anti-maçonica

A maçonaria inicialmente como foco de ideias e secundariamente como centro de acção é a causa primordial d'esse vento máu de liberalismo que ha mais d'um seculo vem agitando e aluindo a organização religiosa, politica e social da fecunda, creadora e tradicional estatica europeia.

Os effeitos d'essa perturbadora vibratibilidade social estão-se manifestando entre nós pela implantação e manutenção da republica, em desaccordo com as aspirações e crenças nacionaes.

Este phenomeno aparentemente paradoxal é perfeitamente comprehensivel pela acção disciplinada n'um pequeno numero — os maçons e republicanos — contra as forças esparsas e incoordenadas dos elementos conservadores constitutivos da quasi totalidade da nação.

Sem o sopro animador da maçonaria internacional o 5 d'outubro não se teria dado e em muitas phases criticas a maçonaria lusitana, tem desfeito attrictos e limado arestas que feririam de morte o regimen injusto.

No campo religioso a maçonaria atheista e livre pensadora é o mais encarniçado inimigo dos catholicos. E' um factó por todos reconhecido e admittido.

No campo philosophico a maçonaria combatendo toda a hierarchia que não seja a privativa da sua estrutura é profundamente desorganizadora e anarchisante.

Emfim a maçonaria é o grande inimigo do conservador, seja em philosophia, seja em religião, seja em politica. E nós unicamente e conscientemente conservadores, animados por uma grande fé e pela verdade dos nossos principios, desfraldamos abertamente a bandeira de guerra á maçonaria.

Não desconhecemos as difficuldades da

lucta, sabemos o valor do inimigo com que temos de nos medir, certos porém do auxilio dos nossos correligionarios em philosophia, em religião e em politica contamos com a victoria final.

O primeiro problema a pôr é este—
Qual é o plano de combate?

A todos pedimos as suas luzes, a todos pedimos o seu conselho, esperando dentro de dez dias que os mandem para este jornal tendo externamente a indicação de *Liga anti-maçonica*.

E' indispensavel que a correspondência venha por proprio e não pelo correio *por causa dos extravios*.

Toda a correspondência sobre este assunto é confidencial e só o conselho instalador da «Liga anti-maçonica» d'ella toma conhecimento.

O problema é vasto mas com tenacidade e com o auxilio de Deus esperamos chegar ao fim.

Horriavel sombra!..

Atheus... descrentes... livres pensadores!...
Iconoclastas, que vos aprazeis
Na destruição das mais sagradas leis,
De que a sorte brutal vos fez senhores,
Que dó que me fazeis!...

Pois a vossa alma é assim tão pequenina?...
Tão acanhado o vosso pensamento,
Que não se eleva, além no firmamento,
P'ra essa luz que a nós nos illumina?...
Oh!... como eu vos lamento!

Por isso é que a descrença obumbra,
Vos mat'rializa a mente e vos encerra
N'essa mesquinha vida, terra a terra,
Rodeados de sombra e de penumbra,
Que nenhum céu descerra!

E d'essa funda escuridão inerte,
Contra a luz, que não vêdes, vos lançaes—
Nevroticos, doentes mais e mais,
D'um morbido furor, que vos converte
Em feros canibais!

Que cruel deve ser o soffrimento
Do *phobo* horriavel que vos atacou—
Odiar a Igreja que vos baptizou!
Escarnecer, cuspir no Sacramento
Que vossos paes ligou!!

Não ter fé... não ter Deus... não ter além!...
Não ter sitio onde o vosso coração
Possa, ancioso, mandar uma oração,
Quando, um dia, partir a vossa mãe...
Medonha aberração!!!

Estranho *phobo*... sim! Em terra nossa
Elle não nasceu. Como um veneno hostil,
Intruduziu-se artificial, subtil,
Pela acanhada, depressivel bossa
Da imitação servil—

Atrabiliarios cerebros opacos,
Dando-vos ares d'homens superiores...
D'uma tragedia atroz meros actores,
Semelhaes uma *troupe* de macacos
Com togas de Doutores!...

MECIA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE.

GRAVES REVELAÇÕES

O que diz a «Liberdade», jornal catholico do Porto.

«Veze sem conto, os jornaes portuguezes, de todas as gammas politicas, teem perguntado o que estava o sr. Sidonio Paes a fazer em Berlim. Um jornal republicano chegou a apontar os seus informes officiaes, aconselhando moderação nos insultos á Allemanha e ao Imperador, como uma impertinencia, a pedir castigo. E sempre que uma onda discursadeira pedia o sangue do ultimo allemão pelo capacete do ultimo austriaco, os jornaes republicanos voltam com a sua espantada pergunta:

— Mas para que continúa o sr. Barão de Rosen e o sr. Barão de Khun em Lisboa?

Estirados mezes durou este denso mysterio.

Até que hoje já se sabe para que continuaram em Berlim o sr. Sidonio Paes, e em Lisboa os srs. ministros da Allemanha e da Austria-Hungria; estes para irem no dia primeiro de 1916 ao palacio de Belem, ainda não apertar a mão do sr. Presidente Bernardino, mas deixar-lhe os seus cartões de visita; o sr. Sidonio Paes demorava em Berlim para ter a missão historica de enviar ao seu governo uma nota diplomatica em que, perante actos de felonía commetidos pela Republica Portuguesa, actos que irradiavam da esphera dos neutros, a Allemanha convidava o governo do sr. Affonso Costa a definir a situação de Portugal, ante a guerra europeia e os imperios centraes.

Depois d'essa nota, o sr. Affonso Costa pede ao sr. ministro da Allemanha em Lisboa uma entrevista. Essa entrevista tem logar em Lisboa.

Até aqui estão já os leitores informados por nós.

D'aqui por deante é a materia nova, inédita e sensacional que annunciámos no jornal de quinta-feira, 6.

O que se passou n'essa entrevista do sr. Affonso Costa com o sr. ministro da Allemanha em Lisboa?

Para que pediu o sr. Affonso Costa uma entrevista ao representante do Imperador da Allemanha tão repetidamente insultado pelo partido de que o sr. Affonso Costa é chefe?

Para pedir ao diplomata allemão a substituição da primeira nota, enviada a Portugal, por outra menos tensa e agreste.

Deus, o Deus dos Kaisers, fez a vontade ao sr. Affonso Costa.

E o sr. ministro da Allemanha em Lisboa entregou segunda nota ao governo portuguez, menos tensa e agreste do que a primeira, mas que não differia uma linha da essencia da primeira.

O que respondeu o altivo e poderoso

sr. Affonso Costa a essa nota do governo imperial allemão?

Rompeu enfim as desejadas hostilidades?

Muito ao contrario.

A resposta do governo do sr. Affonso Costa á nota da Allemanha, convidando a Republica portugueza a definir a sua attitude perante a guerra europeia; a resposta do chefe do partido democratico, que ha um anno anda a gritar que quer ir para a guerra; a resposta do revolucionario de 14 de maio, movimento cuja plataforma foi a declaração da belligerancia; a resposta do sr. Affonso Costa fol... a mais servil e humilhante que imaginar-se pôde!...

A mais servil e humilhante!...

Ahi teem agora explicada a entrevista do sr. Bernardino Machado, Presidente da Republica, com jornalista allemão, entrevista em que o sr. Presidente fazia as suas *avâncas* á Allemanha; ahi teem explicada a ida dos cartões dos srs. ministros da Allemanha, e Austria-Hungria a Belem; no primeiro dia de 1916; ahi teem explicada a mutação á vista da politica externa da republica portugueza.

Triste politica— que dará ao paiz o desgraçado resultado de nem ficar bem com a Inglaterra, nem com a Allemanha.

O estado das nossas relações com a Inglaterra muito bem o deixa entrever a *Capital* no seu artigo de 6 do corrente, e no anterior.

O estado das nossas relações com a Allemanha dil-o a primeira e segunda nota allemãs que um dia se encontrarão no Ministerio dos Estrangeiros.

O governo desminta, se pôde.

Mesmo que o desminta, a não ser que a republica deite o fogo ao archivo do ministerio dos estrangeiros, as notas apparecerão um dia **a confirmar estas informações.**

Nada de commentarios! Commentar seria estragar o que de si está completo, perfeito e ao alcance de todos os cerebros.

“A MONARCHIA,”

A todos os nossos collegas que noticiaram o apparecimento do nosso jornal e em especial aquelles que o acompanharam de boas palavras de louvor, os nossos agradecimentos e a promessa de uma leal camaradagem.

Foi de veras animadora a accitação que o publico deu ao nosso jornal, pois chegaram os vendedores a receber por elles CEM RÉIS, quando o seu preço normal é de VINTE RÉIS.

Com estes augmentos de preço, verdadeiramente commerciaes do vendedor, nada, absolutamente nada temos, nem, é claro, os auctorisamos.

Nós, o "Mundo," e o senador Paes Abranches

O órgão da Margarida, a proposito do apparecimento d'A Monarchia, diz:

«Mais outro surge no horisonte. E' A Monarchia, dirigido por... Astrigildo Chaves. Por muitas baboseiras que diga ha de ser difficil ultrapassar as que publicou o senador Paes Abranches. Devemos declarar, por no-lo terem perguntado em carta, que o senador Paes Abranches não faz parte do Partido Republicano Portuguez. Não faz, nem fará. No Partido Republicano Portuguez não ha quem diga o que este senador disse».

Leram? Por muitas baboseiras que digamos ha de ser difficil ultrapassar as que publicou o senador Paes Abranches... E que no partido republicano portuguez não ha quem diga o que aquelle senhor disse.

Claro, claro! No partido republicano portuguez só ha quem diga positivamente o contrario... da verdade.

Pela penna do dr. Henriques, do Zé do Valle, do Urbaneco, do Estevão... Porque se assim não fôsse, seria o mesmo que todos esses senhores põem uma gargalheira ao pescoço e entregarem-se espontaneamente á justiça!

Ha pois lá pela casa que apothetisar o crime, e, em vez do capuz de penitenciarios, ha que enramar de loiros as cabeças dos... criminosos.

O que disse o senador Paes Abranches, evolucionista, talvez com magoa do chefe, que por varias vezes se tem bandeado com os democraticos, foi, entre outras, estas tremendas accusações que extrahimos do seu formidavel libello:

«Olhe o Senhor Presidente para o estado anarchico em que se encontra a administração do paiz.

Veja o Senhor Presidente que as dividas, interna e externa, estão augmentando horrosamente, que as despezas publicas já sobem a mais de cem mil contos de réis e que n'essas despezas se avolumam as verbas occultas para gratificar o bando que propaga os feitos do actual governo.

Veja o senhor Presidente que se violam os domicilios dos cidadãos e que as prisões teem estado cheias de leaes republicanos que pela republica tudo sacrificaram

Veja o Senhor Presidente a indisciplina em que se encontra o nosso exercito de mar e o nosso exercito de terra, não sendo respeitada a officialidade superior, não se acatando os respectivos regulamentos.

Veja o Senhor Presidente que, tendo-se augmentado as contribuições do Estado em mais de doze mil contos, este dinheiro tem desaparecido na voragem dos arranjos e das gratificações illegaes.

Veja o Senhor Presidente que a imprevidencia do governo democratico tem sido tal que, não obstante o Parlamento votar para aquisição de material de guerra o

melhor de trinta mil contos, nada temos com que se possa defender ao menos a nossa nacionalidade, já ameaçada de perigos gravissimos.

Veja o Senhor Presidente que é tal o receio ao actual governo, que os capitaes retrahem-se, as industrias desaparecem, a agricultura definhia, o commercio arruina-se, as subsistencias estão cada vez mais caras e para o povo já não ha nem trabalho nem pão.

Veja finalmente o Senhor Presidente o estado de abandono em que se encontra a administração das nossas colonias.

Nós, Senhor Presidente, concorreremos com o nosso voto para vos elevar á suprema magistratura do Paiz. Temos, portanto, o direito de falar claro e de dizer:

Excellencia—E' tempo de olhar para as responsabilidades do cargo e de vêr que o primeiro magistrado da Nação, n'uma Republica livre, não pôde continuar a dar a sua confiança a um governo que em todos os seus actos não faz senão prejudicar o paiz.

Assim como este povo generosissimo se interessa por Vossa Excellencia, tambem é preciso que Vossa Excellencia se interesse pelos negocios do povo e pelo seu bem estar. Isto não pode continuar assim, para que se não diga que Vossa Excellencia está ligado aos actuaes ministros, ameaçado por elles ou com terror d'elles.

Urgente se torna, Excellencia, dar ao Paiz um grande exemplo de moralidade e de patriotismo, demittindo o actual governo por inepto e prejudicial e nomeando para ministros da Republica homens illustrados e conhecedores da technica da administração publica com um passado leal e limpo, provado na defeza da Republica—homens que não façam dos seus Ministerios agencia dos negocios escuros.

Tanta vez, Excellencia, se tem passado por cima da Constituição da Republica, para defender interesses inconfessaveis, que não é de mais que, para salvaguardar os interesses do Paiz, se dê a dissolução do Parlamento—para que, após eleições livres, os representantes da Nação e os ministros possam n'uma acção commum e patriótica salvar esta Patria que tão grande foi e tão pequena se encontra.

Paes Abranches.
Senador.

Senhores do Immundo:—o final é que, conforme lá se pensa e escreve, será talvez baboseiras. Mas n'ella não cahimos nós. Salvar esta Patria, após eleições livres... republicanas!... Nada que para este veneno sabemos que ha lá na botica um antidoto chamado 14 de maio...

Redimir esta Patria, arranca-a ás mãos dos criminosos que o sr. Paes Abranches verbéra, e nós tambem,— só por esta forma:—D. Manuel II.

Quem viver, verá.

Mortos illustres

Dr. Antonio Franco Frazão

Morreu na Capinha, proximo do Fundão, este illustre homem que á sua patria dedicou o seu saber e até o seu dinheiro.

Fiel ás suas honradas tradições monarchicas, monarchico morreu e em seu filho, o sr. Conde de Penha Garcia, deixou o vinculo alevantado e nobre da sua fidalgua e do seu saber.

Paz á sua alma!

Dr. Regis d'Oliveira

Morreu ha dias em Lisboa, quando este jornal já estava em preparação de tiragem, o sr. embaixador do Brazil Dr. Regis d'Oliveira.

Era um caracter e um amigo dos portuguezes.

Constancio e João d'Azevedo á sua sombra se acolheram em dias tristes e n'elle sempre encontraram carinho e protecção.

Ao paiz irmão e a sua familia os nossos pesamos.

Ao "Dia,"

Este nosso illustre collega honrou-nos com uma transcrição do nosso artigo editorial. Agradecemos tamanha gentileza.

Aviso

Contra o habitualmente estabelecido, este jornal não fará a cobrança adelantada, cobrando só no vencimento da assignatura.

Tambem não será enviado a ninguém que nos não peça o seu envlo.

Segundo fôr a accettazione que tiver, assim será o seu desenvolvimento.

Pedimos, pois, a todos os correligionarios a finesa de fazerem a sua propaganda, a bem da causa que defendemos.

A todos quantos se dignarem coadjuvar-nos, reconhecidamente agradecemos.

Almanack Monarchico para 1916

Preço 100 réis

À VENDA EM

A POLYCOMMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41

Echos & Commentarios

O crime de Santa Clara. — e etc.

O juiz de investigação enviou já á Bôa-Hora, juntamente com o seu relatório, dois individuos, pondo em liberdade um terceiro. Nenhum dos dois é apontado como reu do crime de fogo-posto e de traição á patria; apenas se insinua que elles não foram zelosos no serviço, não cumprindo, como deveriam, o regulamento da casa. . . Mas promette, o dito juiz, não parar na investigação e ir informando do que houver!

No tempo das conspirações, os presos monarchicos eram espremidos por meio de ameaças, de vergastadas, a alguns mesmo chegaram a apontar pistolas, para que confessassem. . . e eram encurralados por esses calabouços infectos das esquadras de policia, sem vêrem familia nem amigos, durante mais de um mez! Pois agora e por tão barbaro crime, que a nação portugueza em peso verbêra e pede inflexível castigo, dois ou tres dias de interrogatorios. . . e o resto se irá informando lá para as kalendas. . .

Contaram os jornaes que um sargento preso na Trafaria, se offerecera para depôr, annunciando graves revelações. . . Que graves revelações seriam estas do sargento?

E a proposito: — O que é feito do *caixeiro viajante de perolas*, que anda lá por terras de Hespanha, *mui guapo* mais a *salerosa señorita de amigo suyo abogado*? . . .

Apprehensões de jornaes — A censura

Segundo as nossas informações, ficam, por ordem superior, sujeitos a censura todos os jornaes, com o fim de se evitar que transcrevam trechos do livro do sr. general Pimenta de Castro. Agentes encarregados d'esse serviço examinarão o primeiro exemplar que sair para a venda e verificarão se elle contém ou não a materia impedida de circular.

No tempo em que o lapis azul do Juiz Veiga zelava pela ordem publica e pelo Throno e contra a alcateia dos pedantes e fura-vidas mascarados de Desmoulins, de Marat e de Hebert, mas de prosa suja, de marcanos lançados com taras criminaes, o que elles se abespinhavam contra a *Parreirinha*, contra o *Santo Officio*, contra o *Intendente*!

Agora. . . agora tudo isto é d'elles, e amordaçar a imprensa não é já crime, mas virtude. — São ordens!

A hambochata ao Porto

O professor da Faculdade de Medicina, dr. Roberto Frias, publica no *Janeiro* uma carta em que chama a attenção das auctoridades para o facto da proxima excursão de Lisboa ao Porto, no momento em que os excursionistas podem servir de vehiculação da epidemia da febre typhoide, que grassa na capital.

Pela nossa parte achamos tambem nefasta a passeata, não só pela vehiculação d'esse morbo, como de outros. A lepra jacobina é tambem epidemica. Mas ainda ha mais perigos e peores. A cleptomania por exemplo.

Lá por fóra

ECHOS DA GUERRA

O poder temporal do Papa

As agencias da Imprensa reproduzem despachos de Munich, segundo os quaes n'uma recente reunião da commissão de Fazenda da Baviera, o barão von Hertling, presidente do conselho, fez saber que a Allemanha e seus alliados estavam de accordo para restaurar, depois da guerra, o antigo Estado Pontificio.

Diz a *Gazeta de Francfort*: — A Allemanha, depois da guerra, não tem nenhum pensamento reservado sobre a Italia, mas está disposta a apoiar toda a solução que favoreça o Vaticano.

«A Allemanha terá provavelmente o privilegio de resolver a questão de um Estado pontificio independente».

Informa por sua parte a *Gazetta de Dresde*: — «Podemos assegurar que a Allemanha está decidida a resolver a questão romana como todas as mais que se achem em condições de ser resolvidas depois da guerra».

Commentarios francezes

Gustave Hervé diz em *La Vitoire*:

A cadeia de desditas nos Balkans não acabou ainda e pôde trazer novos desenganos. A Italia seguirá o exemplo da Inglaterra em Gallipoli refrando as suas tropas da Albania.

Clemenceau, no *Homme enchainé* protesta energicamente contra a empreza de Salonica. Reputa de crime o envio de novas tropas ao general Sertail e enumera os tres tremendos fracassos soffridos no Oriente: Dardanellos, Servia e Montenegro. Diz que Salonica sera o remate de tudo isto, o que trará como consequência um completo fiasco no Oriente. Indica como indispensável a repatriação das forças acampadas em Salonica.

O serviço militar obrigatorio em Inglaterra

M. Asquith não é, como pôde supôr-se, amigo do serviço militar obrigatorio — antes pelo contrario é um seu terrível adversario; s. ex.^a porém entende que os solteiros devem alistar-se primeiro que os casados e como d'aquelles aos chamamentos voluntarios deixaram de responder 651.000, vae pelo serviço obrigatorio forçal-os ao alistamento, o que faz chamar á lei *não de serviço militar obrigatorio, mas de casamento obrigatorio*. . .

Pois apesar de tudo ha quem prefira a guerra ao casamento, e quem vá para a guerra mas não para o matrimonio! . . .

Echos da guerra de Cuba

Vae erigir-se em S. Thiago de Cuba um monumento *in memoriam* das victimas do

Maine que foi destruido por uma explosão á entrada d'esse porto, pouco antes de rebentar a guerra entre a Hespanha e os Estados Unidos.

O monumento terá cem metros de comprimento e oitenta de largo.

Ao concurso são admittidos artistas de todo o mundo.

O primeiro premio são dois mil dollars e o segundo quinhentos.

Em New York, em Columbus Circle, existe já um monumento comemorando o mesmo facto, e, coisa singular, fica em frente do monumento do descobridor da America — Cristovam Colombo! . . .

Como por certo os nossos leitores ainda se lembram, a explosão do *Maine* foi attribuida a manejos da Hespanha, que sempre repudiou tal responsabilidade.

No imperio do Céu

A China mandou a republica para. . . a historia e lá está novamente monarchica! Yuan Chi Kai, general chinês, foi o unico presidente da republica que lá houve e é agora o novo imperador. Um grande, um singular finorio, doublé de *boa pessoa*, mal foi eleito, logo mandou o parlamentarismo á fava e entrou em franca dictadura. . .

Uma vez dispostas as coisas a seu modo fizeram-se umas eleições especiaes e d'ellas saíram, s. ex.^a, muito contra o seu desejo, elevado á condicção de imperador. . .

O peor é que os subditos do celeste imperador estão pouco pelos seus desejos e as revoltas succedem-se hem como os assassinatos. . .

Isto de passar de presidente da republica a Rei, mais do que Rei, Imperador, é a segunda vez que nos tempos modernos o consegue um general. . .

Se um civil tivesse artes para tanto, como seria absolutamente feliz certa pessoa muito do nosso conhecimento. . .

A telegraphia sem fios

Por maior que seja o monumento que as gerações futuras levantem a Marconi e a Edison nunca elle representará bem o muito que a humanidade lhes deve.

A telegraphia sem fios, uma das mais recentes descobertas de Marconi, quantas vidas e homems tem já salvo. . .

Ha dias, 17 do corrente, a Companhia Nacional de Telegrafia (hespanhola) recebeu da estação de Finisterre os seguintes despachos:

2,30 tarde. O vapor *Ville d'Anvers* pede socorro urgente. Posição 39,40 norte e 11,34 oeste. Fogo a bordo.

3,30 tarde. Posição do *Vills d'Anvers*

39,13 norte e 13,35 oeste. Continúa o fogo. O barco tem carga de materias inflamaveis. Continua pedindo auxilio immediato.

Avisamos o vapor *Balmoral Castle* que está a cem milhas; o *Oidam* a 200; o *Marandica* e a um navio hospital que se encontra muito afastado.

5,20 tarde. O transatlantico *Leon XII* diz-nos que está a 60 milhas do *Ville d'Anvers* e que vae em seu auxilio. Diz tambem que chegará dentro de 3 horas e avisa para que prepare salvamento.

Avisamos os commandos de Vigo e Corunha.

9,45 noite. O *Ville d'Anvers* está fóra de perigo. Extinguiu o fogo antes de chegar o *Leon XII*.

Uma tragedia no alto mar com perfeito conhecimento em terra!...

Ha uma dezena d'annos este barco não extinguiu o fogo iria para o fundo com toda a tripulação e só muito tarde se conheceria o sinistro...

Bemditos sejam esses dois grandes apóstolos da humanidade!



Liga Naval Portugueza

Depois d'uma interrupção motivada pelos acontecimentos de 14 de Maio, vai retomar o periodo aureo das conferencias sobre varios assumptos de interesse colectivo nacional esta prestimosa e util associação.

As conferencias agora em preparação são da série Vasco da Gama.

Ha pouco, sob a égide de devotados socios iniciou a Liga umas diversões semanais a que deu o nome de *Tea-Dance-Bridge-Concert*, a que tem concorrido familias da primeira sociedade da capital.

Está organisando agora um esplendido sarau em que o eximio musico sr. Hernani Braga tocará cravo.

Emfim o Concelho Regional de Lisboa, o anno passado reconduzido por aclamação, sob proposta de quem estas linhas escreve, continua merecendo em absoluto a confiança dos associados.

Como se sabe a Liga tem á sua guarda o Museu Oceanographico D. Carlos I, muzeu que vale boas centenas de contos de reis e que é uma gloria nacional.

Todos os monarchicos que o possam fazer tem o dever de se associar em tão util como prestimosa Liga.

Correspondentes

Aos nossos correlligionarios da provincia pedimos se dignem escolher e indicar-nos correspondentes para este jornal.

Coimbra terra de amores

A recita de homenagem ao sr. dr. Vicente Arnoso, no Theatro D. Maria, foi uma verdadeira apothose.

Aquella delicada joia litteraria, filigrana subtil e linda do mais fino oiro, que é a sua *Coimbra terra de amores*, mereceu bem a consagração que um publico de *élite*, como ha tempos não viamos reunido e entre o qual notamos toda a aristocracia da Inteligencia e do Sangue, alli foi patentear ao illustre fidalgo e laureado poeta.

Que é a sua estreia dramatica: feliz estreia essa que n'uma rajada de talento attinge tanta Belleza em tão difficil arte e logo conquista um triumpho!

Vicente Arnoso segue na Litteratura, na Honra e no Bem o trilho luminoso de seu augusto e nobre pae, que foi um poeta de raça, um portuguez antigo e um santo, que, por tanto amar a sua Terra, a sua Familia, e o seu Rei morreu de magua ao ver Portugal recalçado e devastado pela horda de vandalos feito Abyssinia, e a Historia, abafada em crepes, com laivos inapagaveis de sangue!

Por amavel deferencia, que muito nos captiva, obtivemos do nosso illustre amigo, o bello vilancete que segue da sua *«Coimbra Terra de Amores»*, para delicia dos leitores d'*A Monarchia*:

Pois mal a vejo chegar
Com seu cabelo doirado
Julgo o sol alevantado
Pela terra a caminhar.

Quer de noite, quer de dia
Tão doirada fica a rua
Onde passa a face sua
E o seu olhar alumia,
Que me vieram contar
Que este oiro desfiado,
E' por certo o sol doirado
Que anda na terra a brilhar.

Que um dia á terra desceu,
E ao ver tão linda donzela
Tanto bem lhe quiz a ella
Que antes de voltar pró céu,
Não sabendo o que lhe dar
Quiz-lhe dar para brocado
Um lindo manto doirado
Para sempre a agasalhar.

Mas como o manto era d'oiro
Mal á cabeça o chegou
Todo o oiro lá ficou,
Fugiu p'ra lá todo o oiro.
E aqui fica ao vosso olhar
Tal e qual me foi contado,
Este romance encantado
D'esse sol a caminhar.

Vicente Arnoso.

A guerra

A campanha dos submarinos

O almirante francez Labeuf escreven ha bem poucos dias o seguinte sobre a campanha dos submarinos allemães, segundo vemos no A. B. C. de Madrid:

Disse-se ha seis mezes que tinham sido destruidos quasi todos os submarinos allemães; porem de então para cá os submergiveis tem feito uma activa campanha, e muitos tem effectuado a travessia desde o litoral allemão ás aguas do Mediterraneo.

Não curo dos seus ataques a barcos mercantes, porque, como com frequencia tenho dito, isso não tem o menor alcance militar, nem exerce o mais leve influxo sobre as operações. O que é grave é difficilmente o transporte de tropas e de material e obrigarem os couraçados a refugiarem-se nos portos.

Disse-se que os submarinos não lograram meter a pique nenhum transporte de tropas. No entanto, que sabemos foram destruidos os seguintes: *Royal Edward*, com 1.000 afogados (14 Outubro de 1915); *Ramaran*, com 350 (18 Setembro); *Marquelle*, com uma centena (26 Outubro), e *Amiral Hamelin*, com 77 afogados (7 de Outubro).

Em data recente escreveu-se «que a navegação pela Mancha é tão segura como em tempo de paz». Creio, não obstante, que os passageiros que á Inglaterra se dirigem tiveram occasião de observar o contrario.

Não é violar um segredo dizer que repetidas vezes os submarinos allemães tem ido á Mancha a torpedear barcos de guerra e a collocar minas á entrada de portos francezes e inglezes. Em varias occasiões tem estado interrompida a navegação entre a França e Inglaterra, e no canal da Mancha foi destruido o barco-hospital inglez *Anglia* por duas minas ancoradas por submarinos allemães.

O ex-ministro da marinha Mr. de Lanesseu, que se poderia supôr bem informado, escreveu no *Petit Parisien* de 26 de Agosto do anno actual (1915): «No ponto de vista militar os submarinos só tem prestado á Allemanha serviços insignificantes. Os unicos navios de guerra que meteram a pique são...» e aqui dá o nome de oito barcos de guerra e um transporte.

Vamos completar a lista do ex-ministro:

Os barcos destruidos pelos submarinos allemães e austro-hungaros foram:

Em 1914 — Cruzador inglez *Pathfinder* de 3.000 ton. e com 220 tripulantes (5 Setembro); cruzadores-couraçados inglezes *Aboukir*, *Cressy* e *Hogue*, de 12.000 ton. e com 1.500 homens de tripulação (22 Setembro); couraçado inglez *Audacious*, de 23.500 ton. de que as baixas não foram publicadas e que foi destruido em fins de Setembro; cruzador russo *Pallada* de 8.000 ton. e 550 victimas (11 Outubro); cruzador

o *Hermes* de 5.500 ton. (31 Outubro) numero de victimas desconhecido.

Em 1915 — Cruzador inglez *Formidable* inglez *Hawke* de 7.500 ton. (15 Outubro) e de 15.200 ton. e com 600 tripulantes (1 de Janeiro); cruzador auxiliar britanico *Bajano*, de que morreram 180 homens (11 de Março); cruzador-couraçado francez *Leon Gambetta*, de 12.600 ton. com 600 homens (27 Abril); contra-torpedeiro britanico *Recruit*, de 350 ton. com 39 homens (1 Maio); couraçado inglez *Triumph*, de 12.000 ton com 250 homens (25 Maio); couraçado inglez *Majestic*, de 15.000 ton., sem que seja conhecido o numero de victimas (27 Maio); torpedeiros britanicos n.º 10 e 12 de 250 ton., morreram 47 homens (10 Junho); cruzador-couraçado italiano *Amalfi* de 10.400 ton. (7 Julho) morreram 600 homens; cruzador-couraçado *Garibaldi*, de 7.400 ton., 300 afogados (18 Julho); submarino italiano *Medusa* de 300 ton. (fins de Julho); e o cruzador-auxiliar inglez *India* ido a pique em 8 de Agosto.

Como se vê os navios de guerra metidos a pique, sem fazer menção dos avariados, são 20, e não 9 como affirmava Lanessau, tendo que juntar-se a esse total os 4 transportes acima mencionados, e o cruzador auxiliar francez *Indien*, a pique em Outubro.

Em conjuncto somam essas perdas em 200.000 ton. e 7 a 8.000 homens. Como veremos depois os submarinos austro-allemaes destruidos não chegam a 40 com 22.000 ton. e 600 a 700 homens, que nem todos pereceram, pois, como é sabido, ha muitos prisioneiros.

Impreciona profundamente a comparação entre as duas cifras...

Se a partir de Julho ultimo diminuíram os ataques contra barcos de guerra é porque estes procuraram refugios: os ingleses nas ilhas Arcades, os allemães no canal de Kiel, os francezes em Malta e Bizerta, os austro-hungaros em Pola e os italianos em Tarento.

Palestras d'arte

O *Paiz* tem uma secção com este titulo em que, não ha duvida, dia a dia publica singularissimas palestras d'arte...

O Sr. D. Francisco Redondo será, e cremos bem que é, um bom cantor, mas d'ahi a escrever ou fazer — *palestras d'arte* vae uma differença infinita...

O Sr. D. Francisco a escrever faz-nos lembrar certo cantôr que um dia andando em excursão artistica pelo Minho, recebeu em toilette d'Eva no paraizo, certo ex-governador civil que fôra amigo de seu pae e que, em rigoroso traje de cumprimentos cerimoniaes, no hotel o procurava para o saúdar...

O conselheiro, mal entrou no quarto e deu com tal espectáculo, voltou pelo mesmo caminho e não mais procurou o delicado cantor...



Quem é V. Ex.^a e de onde vem?

Eis a pergunta formulada pelo sympathico alemtejano sr. Aresta, ao ainda mais, sympathico beirão Arthur Costa na sessão parlamentar de 4 do corrente.

E o Costa com aquella falta de ouvido tão característica da familia quando não estudou previa resposta, somente contrapôz que «não ouviu».

Quem é o sympathico Arthur Costa e de onde vem?

Poderia elle ter respondido lembrando-se da resposta de Bocage:

Eu sou o Arthur — tu sabes
Aresta torta da bica;
Irmão do Costa, aquelle Costa
Qu'a pastilha t'aplica...

Mas o sympathico beirão, filho dilecto da administração concelhia de Ceia, não está habituado áquelles doestos parlamentares em que agora se encontra, sem vontade, mettido...

O sacrificio que s. ex.^a faz por seu irmão é bem digno de registo historico...

Quem é o sr. Arthur Costa?

Um pobre pária de Ceia, onde quantas vezes não ceava por não ter o quê, que a republica, que tanto odeava, foi buscar aos canaviaes onde tomava o sol e lia o abecedario para aprender a lêr, a vêr se a competencia do irmão lhe arranjaria um dia o logar de official de diligencias da Camara lá do burgo. Pobre homem!

Para que havia ella, a republica, de ir ao remanso da beira tirar este desgraçado para assim o sacrificar, se por ali ha tanto revolucionario civil que em mais não cuida que sacrificar a existencia, como s. ex.^a a sacrifica, a bem da famosa instituição?

Cunha e Costa, escreveu ha pouco n'um artigo:

«Elles (os portuguezes que não vão no bote) ignoram que a Inglaterra é a patria de Gladstone e de Ruskin e que debaixo d'aquella casca de frieza e de egoismo palpitam alguns dos mais piedosos corações do Universo».

E é verdade!

A bondade da Inglaterra é proverbial, é conhecida, conhecidissima. A historia é que não tem querido fazer-lhe justiça aos seus sentimentos altruistas e sobretudo desinteressados.

A bondade d'aquellas almas candidas... Ora vejam estes dois mimos:

Napoléon, depois dos cem dias dispõe-se a deixar a França e recusando as offertas de Baudin que se propunha conduzi-lo aos

Estados Unidos, mette-se a bordo do Bellérophon, e escreve ao regente de Inglaterra:

«Altesse royale:

En butte aux factions qui divisent mon pays et à l'inimitee des plus grandes puissances de l'Europe, j'ai consommé ma carrière politique. Je viens, comme Thémistocle, m'asseoir au foyer du peuple britannique. Je me mets sous la protection de ses lois, que je réclame de Votre Altesse royale, comme celle du plus puissant, du plus constant, du plus généreux de mes ennemis.

Napoléon».

Como a Inglaterra procedeu com esse homem que livremente ia acolher-se á sua generosidade, dil-o elle mesmo a 30 de julho na carta protesto que segue:

«Je proteste solennellement ici, à la face du ciel et des hommes, contre la violence qui m'est faite, contre la violation de mes droits les plus sacrés, en disposant, par la force, de ma personne et de ma liberté. Je suis venu librement à bord du Bellérophon, je ne suis pas le prisonnier, je suis l'hôte de l'Angleterre. J'y suis venu à l'instigation même du capitaine, qui a dit avoir des ordres du gouvernement de me recevoir, et de me conduire en Angleterre avec ma suite, si cela m'était agréable. Je me suis présenté de bonne foi, pour venir me mettre sous la protection des lois de l'Angleterre. Aussitôt assis à bord du Bellérophon, je fus sur le foyer du peuple britannique. Si le gouvernement, en donnant ordre au capitaine du Bellérophon de me recevoir, ainsi que ma suite, n'a voulu que tendre une embûche, il a porfait à l'honneur et flétri son pavillon.

Si cette acte ce consommait, ce serait en vain que les Anglais voudraient désormais parler de leur loyauté, de leurs lois et de leur liberté: la foi britannique se trouvera perdue dans l'hospitalité du Bellérophon.

J'en appelle à l'histoire: elle dira qu'un ennemi, que fit longtemps la guerre au peuple anglais, vint librement, dans son infortune, chercher un asile sous ses lois: quelle plus grande preuve pouvait-il lui donner de son estime et de sa confiance? Mais comment répondit-on, en Angleterre, à une telle magnanimité? On feignit de tendre une main hospitalière à cet ennemi; et, quand il se fut livré de bonne foi, on l'immola!

Napoléon.

A bord du Bellérophon, en mer».

Que tal?!

Mas o sr. Cunha e Costa sabe d'isto muito, conhece bem Hudson Lowe, ha de lembrar-se até da historia da lousa tumular...

A generosidade ingleza, o desinteresse, o amor ás pequenas potencias, é conhecido, é proverbial, e, não ha duvida, unico!...

Mas porque raio se diz mal dos comicios republicueiros, dizendo-se que lá se vendem coisas por banha de cheiro?!...

Mac.

Brevemente: A LOUCURA JACOBINA

POR ASTRIGILDO CHAVES

I — Um Bragança não foge!

II — O Massacre do Tenente Soares.

Tiragem limitada, edição de luxo, illustrada. Tomo 200 réis.

Pedidos acompanhados da respectiva importancia, dirigidos a esta administração.

A POLYCOMMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41-A a 41-E — LISBOA

Estas officinas estão aptas a executar os mais difficeis e os maiores trabalhos, pois possuie machinas como nenhuma outra.

Machina de compôr.

Machina de dobrar folha impressa.

Machinas de coser a arame e a linha, lombadas de livros.

Machinas para trichromia.

Machinas para dourar a quente e a frio.

É muitas das outras machinas de uso vulgar n'esta industria.

Papelaria, Livraria, edições proprias e alheias

Tipographia, Encadernação e Estereotypia

CARIMBOS DE BORRACHA

TELEPHONE 3362

Tem pessoal que vae a casa dos clientes